

A Pedagogia Social, uma antropologia de proximidade, hospitalidade e serviço¹

Paulo Sérgio da Silva Brandão Mestrando de Pedagogia Social, UCP

Resumo

Em contraste com uma sociedade marcada pelo eficientismo, pelo desejo de fama e sucesso e pela conquista do poder, assistimos a um crescimento de fenómenos de solidão e de exclusão, consequência de uma lógica individualista e consumista. Estamos, portanto, perante o desafio de assumir princípios e valores que apontem, orientem e guiem a tarefa pedagógica no sentido de valorizar a vivência de comunidade e consolidar os laços sociais². Tratando-se de uma tarefa socio-educativa, entendemos a Pedagogia Social como uma dinâmica relacional que visa essencialmente possibilitar o desenvolvimento integral, isto é, de todas as pessoas e da pessoa toda³. Neste sentido, é necessário olhar e acreditar na perfectibilidade e educabilidade de cada pessoa. Considerando que o pedagogo é essencialmente um educador, sustentamos que ele deve olhar, escutar e servir cada pessoa, acreditando que cada indivíduo é sujeito activo e responsável do seu desenvolvimento, capaz de afirmar o seu próprio destino na condição de portador e construtor de sentidos de vida⁴.

Se educar exige ir ao encontro do outro, no pressuposto de criar laços comunitários, defendemos que esta dinâmica deve ser compreendida e iluminada a partir dos valores como proximidade, da hospitalidade e do

¹ O presente trabalho insere-se no caminho de investigação que está a ser feito no âmbito da dissertação de Mestrado em Pedagogia Social da Universidade Católica Portuguesa do Porto, sob orientação da Doutora Isabel Baptista.

² cf. BAPTISTA, Isabel (2005), *Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético*, pag. 48-49.

³ cf. Nações Unidas (2000), *Declaração do Milénio*; Bento XVI (2006), *Carta Encíclica "Deus é Amor"*.

⁴ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), *Educação, Cidadania e Transcendência*, pag. 2

serviço, aqui trabalhados a partir de uma inspiração bíblica e assumidos como um compromisso ético, considerando que eles são essenciais na praxis pedagógica, já que esta não pode ser caracterizada como uma prática relacional impessoal e distante, mas como um encontro entre pessoas. Daqui a necessidade de pensar a Pedagogia Social, um saber interdisciplinar que acolhe vários saberes e práticas pedagógicas socio-educativas, a partir de uma antropologia da relação. É deste encontro entre pessoas, reconhecidas como seres únicos e insubstituíveis, que nasce a consciência ética⁵. Educar é, portanto, uma tarefa que exige um compromisso ético capaz de responder ao chamamento que cada ser humano, na sua novidade e riqueza, dirige, diante do qual não podemos ficar indiferentes⁶.

Introdução

O ser humano não se realiza sozinho, mas em relação com os outros e em comunidade. Ser homem é um projecto, um caminho que só é realizado plenamente na partilha e doação/serviço/resposta aos outros. O encontro com o outro lança-nos, deste modo, para um ética da responsabilidade/do serviço, capaz de responder ao chamamento que o outro, na sua novidade e riqueza, dirige e diante do qual não podemos ficar indiferentes⁷. Esta consciência ética exige ir ao encontro do outro, no pressuposto de criar laços de proximidade e espaços de hospitalidade, o que implica a capacidade de dar e dar-se aos outros em gratuidade (serviço). Estes valores de proximidade, hospitalidade e serviço devem ser assumidos como um compromisso ético na reflexão e praxis pedagógica comprometida com a missão de contribuir, possibilitar e realizar o desenvolvimento total do indivíduo: espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade, e não com o intuito de o “possuir ou transformar em mais um meio ao serviço dos nossos fins”⁸.

Consideramos, portanto, que a praxis socio-pedagógica deverá estar assente em dinâmicas inter-relacionais, na lógica de serviço, no respeito pela dignidade

⁵ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 48-49.

⁶ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Educação, Cidadania e Transcendência, pag. 3

⁷ cf. Baptista, Isabel (2005). Educação, Cidadania e Transcendência, pag. 3

⁸ cf. CARNEIRO, Roberto. (2001). Fundamentos da Educação e da Aprendizagem, pag. 28.

humana e na salvaguarda do primado da Pessoa. Isto só é possível numa ética de proximidade, hospitalidade e serviço, assumidas como valores a inscreverem-se no seio da vida social, bem como competências de acção que devem estruturar e moldar a reflexão teórica e prática das mesma praxis.

É neste sentido que nos propomo-nos reflectir sobre o itinerário formativo dos próprios pedagogos, na intenção de procurar contribuir para o desenvolvimento das suas competências profissionais apoiando assim a sua missão pedagógica – acompanhar e promover o desenvolvimento integral da pessoa – a qual procura, por sua vez, conferir competências de desenvolvimento pessoal.

Educar, um serviço

Entender a educação na lógica do serviço é assumir esta dinâmica relacional como doação/disponibilidade para responder ao apelo que o outro dirige e, diante do qual, não podemos ficar indiferentes⁹. Educar é ir ao encontro do outro na atitude de humildade e acolhimento o que implica a capacidade de dar e dar-se aos outros em gratuidade. Esta pressupõe a consciência da responsabilidade exigente e comprometedora que é contribuir para o desenvolvimento total do indivíduo: espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade¹⁰, e não com o intuito de ser “possuído ou transformado em mais um meio ao serviço dos nossos fins”. Como propõe o Papa Bento XVI na sua primeira Carta Encíclica, aproximar-se do outro implica procurar mais a felicidade deste do que a própria, o mesmo é dizer, doar-se e desejar existir para o outro¹¹.

Consideramos, portanto, tratar-se de uma prática antropológica que exige uma competência humana e técnica capaz de construir laços de proximidade e hospitalidade. A proclamação de que a educação é um direito de todos¹² implica

⁹ cf. BAPTISTA, ISABEL (2005), Educação, Cidadania e Transcendência. pag. 3

¹⁰ cf. CARNEIRO, Roberto (2001), Fundamentos da educação e da aprendizagem, pag. 28

¹¹ cf. Bento XVI (2006), Carta Encíclica “Deus é Amor”, pag. 18

¹² cf. DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS (1948),

www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm#26, art.26

assumi-la como um serviço no sentido ético, isto é, com a responsabilidade de realizar as suas finalidades¹³.

Não podemos, portanto, pensar a educação como um exercício meramente técnico e profissional – o que não significa que não tenha de o ser - ou, então, como um trabalho que visa unicamente ser reconhecido monetariamente e profissionalmente¹⁴. A tarefa pedagógica deve ser assumida como um chamamento para o serviço de construção de espaços de encontro, e dinâmicas de relação que respeitem a liberdade, a dignidade e o mistério do ser humano. Se, como afirma Fernando Savater, a “primeira e indispensável condição ética é a de estarmos decididos a não viver de qualquer maneira”¹⁵, a primeira condição ética da tarefa educativa é de olhar para o outro, para o seu rosto¹⁶ não com o sentimento de medo, indiferença, dominação ou violência mas com o sentido ético da responsabilidade - “o primado da ética da responsabilidade por outrem”¹⁷ - de forma a não ser realizada de qualquer maneira.

Educabilidade e perfectibilidade

Neste nosso trabalho, ao considerarmos o princípio da educabilidade e da perfectibilidade como os pilares fundamentais na tarefa educativa, pretendemos justificar os valores de proximidade e hospitalidade como movimentos e atitudes éticas essenciais na construção deste serviço.

A educação não está confinada a uma etapa específica da vida, mas deve estar presente durante toda a vida¹⁸. Esta compreensão da intemporalidade da educação assenta nos princípios da educabilidade e da perfectibilidade. Eles são o fundamento da praxis pedagógica.

¹³ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 16: “a ética obriga, desde logo, a reflectir sobre as finalidades da educação”.

¹⁴ cf. CARNEIRO, Roberto (2004), A educação primeiro, pag. 163-4.

¹⁵ SAVATER (1993), Fernando, Ética para um jovem, pag.

¹⁶ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Educação, Cidadania e Transcendência. pag. 2

¹⁷ CARVALHO, Adalberto Dias; BAPTISTA, Isabel (2004), Educação social. Fundamentos e estratégias, pag. 81

A perfectibilidade, é entendida como a possibilidade e capacidade que todos, em qualquer idade e circunstância, têm de mudar e desenvolver-se ao longo de toda a sua vida, isto é, possibilidade de aperfeiçoamento¹⁹.

A educabilidade, que deriva deste, no dicionário da Real Academia Galega é entendida como a “potencialidade especificamente humana de adquirir intencionalmente novas conductas ó longo da vida. A educabilidade non é un concepto estático, xa que o home se vai formando no transcurso do seu ciclo vital”²⁰. A crença na educabilidade significa considerar que o homem é capaz de auto-aperfeiçoamento²¹.

Acreditar que qualquer pessoa, em todas as idades e em todas as circunstâncias, é perfectível e educável, significa definir a educação como um tesouro que permanece como mistério a descobrir, e que reside no interior de cada pessoa²². A relação educativa não é, portanto, um percurso exterior, mas um percurso permanente ao interior, onde se encontram os segredos da pessoa. O outro, portanto, não é o inimigo potencial ou alguém que simplesmente toleramos, mas sujeito activo e responsável, com direito ao rosto²³ e com capacidade de narrar a sua própria história.

Estes dois princípios apontam para a consciência do primado de cada ser humano no sentido de potenciar o que cada pessoa pode ser ou deve ser e preservando a coisificação do ser homem²⁴. A tarefa da educação, na promoção destes princípios, deve evitar a discriminação, a estigmatização, mas desenvolver a capacidade de ir ao encontro do outro, no respeito da sua liberdade, e de acolher a alteridade como possibilidade de crescimento contínuo. Só deste modo é possível entender o encontro entre liberdades não como um limite mas como possibilidade de ensinamento e aprendizagem de riquezas únicas (cada pessoa é uma riqueza inestimável) e construção de laços mais fraternos.

¹⁸ cf. CARNEIRO, Roberto (2001), Fundamentos da educação e da aprendizagem, pag. 28

¹⁹ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 75.

²⁰ XUNTA DE GALICIA, Dicionario da Real Academia Galega. Dicionario de Pedagogia, www.edu.xunta.es/diccionarios/p/ListaDefinicion.jsp?IDX=03683,

²¹ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 75.

²² cf. CARNEIRO, Roberto (2001), Fundamentos da educação e da aprendizagem, pag. 27.

²³ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 45.

²⁴ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 76.

Quando pensamos a educação como esta dinâmica relacional, encaramos a necessidade e a importância de os educadores assumirem a educação como um serviço que requer técnicos de relação e profissionalismo assentes nos valores da proximidade e hospitalidade.

Educador, técnico de relação

A educação, tratando-se de uma prática antropológica²⁵, exige que o educador seja um técnico de relação. Ir ao encontro do outro sem esperar nada em troca, mas com a missão de acolher a alteridade como uma riqueza única, irrepetível e misteriosa²⁶, é a principal missão de quem, na sua profissionalidade e com o seu saber, é chamado a ajudar a crescer, a caminhar, a propor caminhos e projectos de vida.

Esta é uma exigência que deve ser encarada como uma responsabilidade ética. A ética reflecte sobre os princípios e valores que norteiam o ser e o fazer. Neste sentido, a actividade educativa deve ser assumida como uma praxis axiológica²⁷, assente nos valores da proximidade, hospitalidade e serviço. Pretendemos, deste modo, evidenciar três valores do ser e agir do educador que se podem traduzir em três competências a desenvolver, a do olhar, a do escutar e a da gratuidade, que correspondem a três movimentos: sair, entrar e doar .

A **proximidade**, como compromisso ético, significa ir ao encontro do outro pressupondo “o reconhecimento da distância absolutamente intransponível e, nessa medida, digna de respeito, que nos separa de outra pessoa”²⁸.

Aproximar-se é um movimento de **sair** em direcção ao outro. Como escreve Bento XVI, neste movimento de aproximação, “far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais com ele, doar-se-á e desejará existir para o outro”²⁹. Sair de si é sair da conservação egoísta da própria vida, para entrar em relação e diálogo e comunhão com o outro³⁰. Neste movimento, o educador realiza a sua missão de orientar,

²⁵ CARVALHO, Adalberto Dias; BAPTISTA, Isabel (2004), Educação social. Fundamentos e estratégias, pag. 80.

²⁶ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 53.

²⁷ Cf. CARNEIRO, Roberto (2004), A educação primeiro, pag. 166.

²⁸ BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 55.

²⁹ BENTO XVI (2006), Carta Encíclica “Deus é Amor”, pag.18.

acompanhar e ajudar, na medida em que ao aproximar-se do outro, não pode ficar indiferente aos seus apelos³¹: Aqui pode haver o perigo de não se saber equilibrar a intenção educadora com a necessidade de salvaguardar o espaço de autonomia, de liberdade, espaço este que possibilita qualquer aprendizagem³².

Daqui se depreende a necessidade de o educador **olhar** para o outro não como inimigo de quem se tem de defender ou de indiferença, nem na atitude de ser tido por bom, com ficar bem frente aos demais, com que o aprovem³³, considerando-se superior. Este olhar na prática educativa é uma exigência ética, pois a dinâmica relacional exige uma reflexão e compromisso ético de ir ao encontro do outro na partilha e na abertura, salvaguardando a sua liberdade e dignidade.

Este movimento de encontro com a alteridade só é possível quando há **hospitalidade**, isto é, acolhimento. A hospitalidade, assumida como um compromisso ético, implica acolher aquele que entra em nossa casa. Este é um movimento de **entrar** em casa para poder acolher quem quer entrar. Quando alguém entra na nossa casa, há uma exigência de mudança, uma vez que o outro é um mistério que tem uma história de vida cheia de sentidos e segredos. Este encontro entre liberdades não é um limite, mas a possibilidade de acolher experiências de vida que são únicas. Há quem fale da necessidade de uma estética de relação³⁴, como forma humana e respeitadora de acolher o outro. Esta atitude de hospitalidade só se torna possível quando se desenvolve a competência de **escutar**. Ouvir é tornar possível que o outro possa narrar a sua história de vida, os sentimentos, os acontecimentos, as pessoas, os projectos que são referenciais de identidade. Entender a educação como ocupação de tempo não tem sentido tendo como base este valor da hospitalidade. O pedagogo deve saber, ter tempo para escutar as histórias, os lugares, as tradições dos idosos, os projectos, as interrogações e dúvidas dos jovens, as dores e as debilidades do testemunho dos

³⁰ cf. CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ (2005), *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, n°130.

³¹ cf. CARVALHO, Adalberto Dias; BAPTISTA, Isabel (2004), *Educação social. Fundamentos e estratégias*, pag. 80.

³² "Necessidade de manter o equilíbrio entre a intencionalidade pedagógica e a necessidade de respeitar o espaço necessário à afirmação do outro enquanto outro" BAPTISTA, Isabel (2005), *Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético*, pag. 79.

³³ cf. SAVATER (1993), Fernando, *Ética para um jovem*, pag. 68.

³⁴ cf. BAPTISTA, Isabel (2006), *Apontamentos das aulas de FES*.

doentes, as faltas de sentido, desesperos e esperanças dos presos, enfim escutar as narrações de vida, para ajudar a construir novas histórias de vida.

O **serviço** implica a capacidade de **dar**. O outro é dom, que no seu apelo me chama a responder com a competência de dom - «economia de dom». No dar a pessoa cresce, desenvolve-se. Compreender esta competência do dar como uma competência profissional, significa assumir que é uma pessoa a trabalhar com pessoas e para as pessoas, o que implica ir para além da instrumentalização, e adquirir o sentido de ajuda, de voluntariado e entrega. Como diz o filósofo: “O laço com outrem só se aperta como responsabilidade, quer esta seja, aliás, aceite ou rejeitada, se saiba ou não como assumi-la, possamos ou não fazer qualquer coisa de concreto por outrem. Dizer: eis-me aqui. Fazer alguma por outrem. Dar. Ser espírito humano é isso. A encarnação da subjectividade humana garante a sua espiritualidade (não vejo como os anjos se poderiam dar ou como entreajudar-se). Diaconia antes de todo o diálogo: analiso a relação inter-humana como se, na proximidade com outrem - para além da imagem que faço de outro homem -, o seu rosto, o expressivo no outro (e todo o corpo humano é neste sentido mais ou menos, rosto), fosse aquilo que manda servi-lo. Emprego esta fórmula extrema. O rosto pede-me e ordena-me. (...) esta ordem é a própria significância do rosto.”³⁵ A consciência ética de serviço lança o trabalho pedagógico para o sentido de responsabilidade perante o outro que me pede e ordena. A presença intencional do educador na vida de outrem deve estar revestida deste sentido de diaconia, como competência moral.

Por fim, podemos afirmar que a relação com a alteridade é sempre uma relação com o imprevisto. Neste sentido, a educação deve ser assumida como uma tarefa pautada pelos valores da proximidade, hospitalidade e serviço.

Um caminho: o compromisso ético

Se, como afirma Roberto Carneiro, “O relativismo ético e o pântano axiológico são tão «corrosivos» do tecido educativo”³⁶, o acto educativo não pode estar vazio de valores e princípios.

³⁵ LÉVINAS, Emanuel (1988), *Ética e infinito*, pag 89-90

³⁶ CARNEIRO, Roberto (2004), *A educação primeiro*, pag. 166.

É necessário que os programas políticos e institucionais de educação sejam orientados pela consciência do primado de cada ser humano. Como vimos, os princípios da educabilidade e perfectibilidade apontam para essa consciência e para os valores da proximidade, hospitalidade e serviço, os quais se traduzem, necessariamente, nas competências do olhar, do escutar e da diaconia que permitam que a prática pedagógica se fundamente e defenda o primado da pessoa, isto é, que cada pessoa seja sujeito activo e responsável do próprio processo de crescimento.

No processo educativo, a pessoa não pode ser considerada um objecto mas sujeito activo e livre no próprio processo de crescimento. Urge, portanto, repensar a forma como se organiza e se estrutura este serviço, quer no âmbito formal e informal. Esta é, sem dúvida, uma exigência ética.

Interprofissionalidade, um valor. Esta reflexão ética deve primeiramente promover a proximidade entre os vários técnicos, numa relação de acolhimento, partilha e inter-ajuda. Hoje fala-se muito de interprofissionalidade. É indicativo da urgência de assumir este serviço à humanidade com humanismo e profissionalismo que ultrapasse a lógica dos interesses egoístas quer sejam pessoais, institucionais, políticos ou até governamentais, de forma a construir-se uma comunidade educativa com o compromisso de contribuir e realizar a sociedade como espaço de laços mais fraternos. Esta dinâmica de proximidade permitirá ir ao encontro de outros conhecimentos e métodos, na lógica do respeito pelos vários saberes. Assim se poderão construir redes de proximidade entre todos os educadores intervenientes no processo educativo.

Trata-se de um compromisso ético que todos os educadores devem fazer, sob pena de não se dignificar uma tarefa tão nobre e tão fundamental, que visa salvaguardar a liberdade e dignidade do ser humano, enquanto ser de relação e com a capacidade de se desenvolver.

Conclusão

Na lógica dos conceitos de proximidade, hospitalidade e serviço, a praxis educativa deve ser entendida como um processo duradouro e sustentável de amadurecimento pessoal que “decorre das viagens interiores que cada um decida

empreender, na aquisição de sentido próprio, mas também em intensa unidade com os destinos de todos os demais”³⁷. Esta visão da educação nega a tentação da indiferença, da inocência, da punição ou exclusão na prática educativa³⁸. Como afirma Isabel Baptista, “o educador deve assumir-se como defensor dos direitos do outro, entre estes o de promover a aprendizagem dos deveres, mas sem que isso lhe dê legitimidade para policiar o seu cumprimento, como se possuísse direitos especiais sobre a vida de outra pessoa”³⁹. **Nesta medida, defenderemos o promoveremos a Educação como um tesouro, com a missão única e insubstituível de gerar crescimento humano e social.**

Assumir a educação como um compromisso ético é um caminho difícil e, porventura, com muitas exigências, quer no âmbito das políticas de educação, quer no âmbito das instituições e equipas, no sentido de respeitar a liberdade, o potencial e a fragilidade de cada pessoa, em todas as idades e em todas as circunstâncias. Aqui entra a necessidade de uma vigilância ética⁴⁰. Este caminho só pode ser feito em conjunto, numa lógica de proximidade e hospitalidade entre todos os responsáveis e intervenientes no processo educativo, de modo a evitar o perigo de se pretender moldar o outro à minha imagem (primado da pessoa à intenção, ao projecto, à estratégia, à política. Estas devem-se moldar na defesa da liberdade e dignidade de cada um)

Pensar desta forma, coloca-nos perante uma meta quase inatingível de alcançar na sua plenitude. Contudo, o não caminhar nesse sentido significará não acreditar na perfectibilidade e educabilidade de todos.

³⁷ CARNEIRO, Roberto (2001), Fundamentos da educação e da aprendizagem, pag. 27

³⁸ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 79

³⁹ BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, pag. 79-80

⁴⁰ cf. BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético

Referências bibliográficas

BAPTISTA, Isabel (2005), Educação, Cidadania e Transcendência, in Revista Portuguesa de Investigação Educacional.

BAPTISTA, Isabel (2005), Dar rosto ao futuro. A educação como compromisso ético, Porto: Profedições, Lda.

BENTO XVI (2006), Carta Encíclica “Deus é Amor”, Prior Velho: Edições Paulinas.

CARNEIRO, Roberto (2004), A educação primeiro, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

CARNEIRO, Roberto (2001), Fundamentos da educação e da aprendizagem, 2ª edição, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

CARVALHO, Adalberto Dias; BAPTISTA, Isabel (2004), Educação social. Fundamentos e estratégias, Porto: Porto Editora.

CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ (2005), Compêndio de Doutrina Social da Igreja, Cascais: Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Lda.

COUTO, António (2001) A Bíblia inquieta e questiona a moral, in Ética: consciência e verdade, Semanas de Estudos Teológicos. Lisboa: Faculdade de Teologia Universidade Católica Portuguesa

GREEN, Joel B. (1997). The Gospel of Luke, B. Eerdmans Publishing Co., U.S.A.

LÉVINAS, Emmanuel (1982) Ética e Infinito, Lisboa: Edições 70.

NAÇÕES UNIDAS (2000), Declaração do Milénio, www.runic-europe.org/portuguese/uninfo/DecdoMil.pdf, acedido em 15 de Janeiro de 2006.

PEÑA, Ruiz de la (1988), Imagen de Dios, Colección Presencia Teológica, 49, Editorial Sal Terrae, Santander.

TORRALBA, Francesc (2003), Sobre la hospitalidad. Extraños y vulnerables como tú, Madrid: Promoción Popular Cristiana Editorial.

SAVATER, Fernando (1993), Ética para um jovem, 6ª edição, Lisboa: Editorial Presença.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS (1948), www.dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm#26, acedido em 20 de Fevereiro de 2006

PNUD (2004), Relatório do Desenvolvimento Humano 2004, Queluz: Mensagem-Serviço de Recursos Editoriais, Tradução portuguesa de José Freitas e Silva. XUNTA DE GALICIA, Dicionario da Real Academia Galega. Dicionario de Pedagogia, www.edu.xunta.es/diccionarios/p/ListaDefinicion.jsp?IDXT=03683, acedido em 20 de Fevereiro de 2006.